
Do bullying a uma prática pedagógica convivial e transformadora: o caráter formativo da paixão e da amizade na sala de aula

From bullying to a convivial and transformative pedagogical practice: the formative character of passion and friendship in the classroom

Alonso Bezerra de Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5106-2517>

Universidade Estadual Paulista - UNESP, Brasil

E-mail: alonso.carvalho@unesp.br

Lucas Mateus Vieira de Godoy Stringuetti

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9683-7873>

Universidade Estadual Paulista – UNESP; Secretaria Estadual de Educação - SEE, São Paulo, Brasil

E-mail: lucas.stringuetti@hotmail.com

Fabiola Colombani

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3659-3189>

Universidade de Marília - UNIMAR, Brasil

E-mail: fabiolacolombani@unimar.br

RESUMO

Este artigo constitui reflexões oriundas de um conjunto de atividades realizadas em uma escola a respeito das paixões e da amizade em sala de aula no intuito de repensarmos a prática pedagógica e, assim apontar possíveis soluções que transformem o ambiente escolar, muitas vezes apresentado como hostil, conflituoso e desinteressante. Os dados foram obtidos mediante observações e intervenções em sala de aula, com alunos do ensino fundamental II, de uma escola pública. Consideramos a necessidade da discussão da influência da amizade no processo de aprendizagem, bem como no papel da razão e das paixões, pois podem contribuir, inclusive, para o enfrentamento da violência, do *bullying* e o desrespeito com o outro. Nossa conclusão foi de que a amizade entre alunos e professores, por exemplo, pode ser de suma importância para a educação, uma vez que ela romperia com a estrutura rígida e fria da escola e a tornaria um espaço livre, mais humano e mais convivial.

Palavras-chave: Paixões; Amizade; Sala de Aula; *Bullying*; Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This article is the result of a series of activities carried out in a school about passions and friendship in the classroom, with the aim of rethinking pedagogical practice and thus pointing out possible solutions to transform the school environment, which is often presented as hostile, conflictual and uninteresting. The data was obtained through classroom observations and interventions with elementary school students from a public school. We consider it necessary to discuss the influence of friendship on the learning process, as well as the role of reason and the passions, as they can contribute to tackling violence, bullying and disrespect for others. Our conclusion was that friendship between students and teachers, for example, can be of paramount importance for education, since it would break with the rigid and cold structure of the school and make it a free, more human and more convivial space.

Keywords: Passions; Friendship; Classroom; Bullying; Pedagogical practice.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa refletir e problematizar se a escola é unicamente transmissora de conhecimento técnico-científico e o aluno apenas um receptor, como denunciava Paulo Freire (1996) ou se além dessa obrigação conteudista e normalizadora, ela pode também ser responsável pelo desenvolvimento integral do aluno em todas as suas dimensões, dentre elas a dimensão ética ou dos valores, uma vez que ela está encarregada de formar pessoas.

Podemos, então, considerar que tratar dos valores ou da ética é essencial no que se refere à escola, tendo em vista que os impasses comportamentais, as inquietações, os conflitos, a violência e a indisciplina compõem elementos fundamentais e que estão presentes no processo de formação e nas vivências dos alunos e professores, enfim, na prática pedagógica que se realiza na sala de aula.

Nesta perspectiva, o tema das paixões e da amizade parecem nos proporcionar um novo olhar para a educação e para o ambiente escolar, de maneira a contribuir para um enfrentamento e a compreensão das condutas e atitudes que ali são vivenciadas. No caso das paixões, é preciso reconhecê-las como um elemento intrínseco à nossa natureza e que faz parte da formação do nosso caráter e de nossas maneiras de ser e agir no mundo. Sendo assim, as paixões podem ser tomadas para se refletir acerca das questões éticas, como propõe Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco* (1987). Ao reconhecer que somos dotados de paixões, pode-se estabelecer um olhar diferenciado em relação a nós mesmos e ao outro, possibilitando, assim, novas e amistosas relações interpessoais.

Nessa linha de raciocínio pode ser justificável refletirmos a respeito das paixões humanas, entre elas a amizade, como elemento constitutivo de nossas atitudes, inclusive pedagógicas. Assim, pensar as paixões humanas e a amizade pode se tornar essencial para se formar alunos e alunas, não só preparando-os para as vicissitudes da vida, mas também abertos e sensíveis a um tipo de conhecimento e de prática que os leve a uma nova maneira de olhar a si mesmos e o mundo. Do ponto de vista da formação e da prática docente e pedagógica, as paixões e a amizade podem também ser um caminho profícuo e com bastante potencial no enfrentamento dos desafios que se originam e/ou emergem no interior da sala de aula.

Para que as reflexões às quais pretendíamos realizar tivessem mais sentido e ficassem mais claras, nos aproximamos e imergimos em um conjunto de atividades desenvolvidas em uma escola pública do interior do Estado de São Paulo. A partir de

leituras, estudos teóricos, ações promovidas na escola, anotações e levantamento exploratório de dados, mediante observações e intervenções com alunos de duas turmas do ensino fundamental II, tivemos a oportunidade de observar o quanto pode ser importante trazer outros olhares, temas e perspectivas para aquilo que é realizado no interior da sala de aula.

Para tanto, trabalhamos com os alunos diversas dinâmicas e, inclusive, exibindo vídeos que serviam como estímulos para realizarem reflexões a respeito de si mesmos e a respeito dos outros, em suas relações de amizade, formas de preconceitos, o *bullying* na escola, diversidade, relacionamentos afetivos e respeito ao próximo. Por meio de ambiência e participação em discussões e ações na sala de aula e, simultaneamente, a participação nas reuniões de estudos e preparação de material contribuíram para a formação e o desenvolvimento do presente projeto.

Nesse sentido, acreditamos que investigar e problematizar a respeito das paixões, da ética e da amizade, de modo a promover a reflexão e a compreensão da dinâmica escolar, de seus conflitos e desafios pode ser uma alternativa ao predomínio da dimensão epistêmica/epistemológica e tecnicista na prática pedagógica. Assim diz Paulo Freire quando defende que ensinar exige estética e *ética*:

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, [da amizade, das paixões], entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. (FREIRE, 1996, p. 36-37).

Na sequência do texto, em um primeiro momento faremos uma exposição teórico-conceitual acerca dos temas trabalhados, para em seguida tratar as ações desenvolvidas na sala de aula e, por fim, trazer algumas considerações que possam motivar pesquisas e ações inovadoras no campo da educação.

PAIXÃO E AMIZADE NA FILOSOFIA

As paixões são as nossas emoções, elas são responsáveis no campo da moral e do social, de criar, aniquilar, conservar e animar (HELVÉTIUS, 1988). Elas também dão

vida no mundo moral: é a avareza, o orgulho e o amor que guiam, preenchem, talham e inventam as nossas ações. *Páthos*, de onde provêm a palavra paixões, no grego, constitui uma energia capaz de harmonizar em nós a força da inércia, nos pulsionando do repouso e da estupidez em direção a uma conduta que esteja ligada a uma “superioridade do espírito”, como aponta Carvalho (2012b). Assim, a atividade do espírito precisa da atividade das paixões, uma vez que a presença das paixões nos impulsiona a não cairmos em estupidez.

Aristóteles não considerava *páthos* como um obstáculo a ação, mas atribuía a ele a oportunidade e expressão da liberdade humana em direção à virtude. As paixões nos dão as condições de nos atualizarmos, realizando a nossa finalidade essencial – a busca do bem, diferentemente de uma planta que já tem o seu fim prescrito (CARVALHO, 2012b).

As paixões representam o outro que reside em nós e que sem esta perderíamos uma parte de nós mesmos. Só podemos ter dimensões de nós quando passamos a reconhecer o lugar do outro. Considerar as paixões como algo irracional e querer eliminá-las é o mesmo que eliminar a própria humanidade. Sendo assim, podemos afirmar que a paixão é a relação com o outro e a diferença do outro que reside em nós, correspondendo, assim, na própria alteridade.

Para Carvalho (2012a, p. 276):

As reflexões humanas nos permitem concluir que a paixão é o que nos coloca em relação com o mundo, que dá a este mundo um sentido para nós. As paixões nos tornam seres sociais. Seriam elas que revelam o nosso jeito de ser na relação com os outros indivíduos, isto é, com a coletividade.

De acordo com Meyer (2000), a paixão refere-se às soluções opostas, aos conflitos e à diferença entre os homens. A oponibilidade que une e desune os homens é precisamente o passional; a contingência que os libera, mas que ao mesmo tempo pode entregá-los ao que destrói e ao que os subjuga.

Na vida ética, a interlocução entre a razão e as paixões anseia pelo equilíbrio entre essas duas instâncias. Assim, Zingano (2009) explana que na moral de Aristóteles, o homem virtuoso não deve suprimir suas emoções, como uma *apatheia*, ausência de emoções do pensamento estoico, mas, ao contrário, as emoções devem ser tidas como elementos indispensáveis da vida humana. O sujeito deve buscar harmonizar sua ação de acordo com a razão e as paixões para que esta seja adequada e verdadeira do ponto de

vista moral. Desta mesma forma, Lebrun (1987) constata que a paixão e a razão são inseparáveis, assim como a matéria é inseparável da obra e o mármore da estátua. De modo que a virtude surgiria do exercício da razão no homem.

A virtude é, pois, uma disposição adquirida voluntária, que em relação a nós consiste na medida definida pela razão, conformemente à conduta de um homem ponderado. Ela se mantém no justo meio-termo entre dois extremos inadequados, um por excesso, o outro por falta. (ARISTÓTELES, 1987, p. 33).

Sendo assim, a vida ética feliz é fundamentada no equilíbrio entre a paixão e a razão, de modo que a primeira tenha o seu papel reconhecido na constituição do sujeito moral e como disparador das nossas ações, e a segunda – a razão prática – exercendo uma função no interior das paixões, coordenando-as para a meta pretendida, a controla ou muda a direção de seus movimentos para que assim, o sujeito moral se torne um agente racional moderado de suas emoções. Contudo, se nos deixarmos guiar estritamente pelas paixões, elas “podem nos induzir ao erro, uma vez que elas fixam a nossa atenção sobre um lado do objeto, não permitindo que se analise como um todo, nos levando a desconsiderar todas as suas faces” (CARVALHO, 2012a, p. 209).

Ao considerarmos o amor como uma paixão, tal como aparece em Aristóteles, faz todo sentido incluí-la no processo pedagógico. Do ponto de vista do aluno, por exemplo, podemos considerar que o seu aprendizado não é fruto apenas da imitação, mas também de sua paixão, porquanto, sustentava que quem ama deleita-se naquilo que ama, sendo que este não afetaria de modo algum o corpo, mas sim a mente. Em suas palavras: “podemos admitir a distinção entre prazeres corporais e prazeres da alma tais como o amor à honra e o amor ao estudo; pois quem ama uma dessas coisas deleita-se naquilo que ama, não sendo o corpo de nenhum modo afetado, e sim a mente” (ARISTÓTELES, 1987, p. 55).

Dessa maneira, podemos dizer que é o amor, como uma paixão, que torna o aluno agente de seu aprendizado; são as emoções que o objeto provoca nele, responsáveis pelo despertar do interesse de aprendizagem. Entretanto, não é apenas o objeto que move essa vontade de aprender, mas também a maneira que o educador apresenta ao aluno, o estimula a conhecer e não apenas reproduzir.

Nesse sentido, Silva e Santos (2015), pontuam que o educador tem a função de fazer com que o conteúdo pareça estimulável, em um primeiro momento, e que se dá por meio de práticas amistosas, de modo que se torne amável em seguida. Assim, podemos

pensar nas questões da amizade e do amor no processo educativo. Para Cunha (2007, p. 71-72):

A amizade assume também valor pedagógico, na medida em que aquelas virtudes podem ser prendidas numa relação, seja entre iguais, seja entre diferentes, tornando-se confiança, [isto é], o pressuposto da verdadeira Educação e da verdadeira filosofia. [...] [Em que os alunos buscam] disposições intelectivas e de caráter [que] imitam a ação do filósofo, até certo ponto, no processo constitutivo de si mesmos, não apenas quando nutrem por ele um sentimento de amizade, como também quando buscam, nos instrumentos da poíesis, da retórica, da analítica e da dialética disponibilizados pelo mestre, os meios para alcançar a verdadeira felicidade.

Na perspectiva aristotélica, a educação na *polis* não produz apenas felicidade na esfera individual da vida do cidadão, mas também na social, através da transmissão e da formação das virtudes, que provoca comportamentos adequados à vida na cidade. Para Aristóteles é um bem para a própria *polis*, sendo esta responsável pela educação. Pagotto-Euzebio (2010, p. 201) complementa que “[o ser humano] é fruto da cidade, da sua *paideia* e, por decorrência, toda criação humana terá a cidade como origem e – é importante não esquecer – como propósito ou, pelo menos, referência”.

Posto isso, podemos pensar a questão da amizade e a educação, uma vez que segundo Aristóteles, o ser humano (ser social) necessita de amigos para poder ser “virtuoso e feliz”, uma vez que isolados não somos sujeitos éticos. Por meio da amizade podemos discutir aspectos da benevolência, da reciprocidade e do bem querer.

A *philia* tem o caráter de um hábito; ela é a expressão de uma determinada atitude moral e intelectual que visa ao amor recíproco entre amigos, baseado numa decisão livre da vontade, em que cada um deseja o bem para o outro.

A amizade no pensamento aristotélico, se faz necessária para o ser humano ser feliz, uma vez que ele acreditava que somente através da amizade era possível alcançar uma felicidade verdadeira. Ele sustentava que o amigo é “o outro de si mesmo”, o outro estaria internalizado dentro de nós, uma vez que só é possível ter dimensões de nós mesmos quando entramos em contato com o outro e o enxergamos não como um prolongamento de nós, mas sim como outro. Essa ideia também aparece em Epicuro, filósofo grego, do século IV a. C. Segundo ele, a amizade desempenha papel fundamental na felicidade. A amizade corresponde a um desejo que não é nem natural nem necessário; ocupando lugar importante no ideal da maior parte dos filósofos gregos. É ela uma forma de amor que não desperta paixões carnis e que satisfaz plenamente o espírito. Quando

considera a amizade como o primeiro dos bens, concorda Epicuro, simplesmente, com uma tradição, que, sem dúvida, se apresentava a seu espírito como uma evidência. Para Spinelli (2013, p. 98-99) “Epicuro pôs no amor e / ou na amizade o fruto mais valioso e sublime que na mente e no coração humano pode germinar”.

Concomitantemente, de acordo com o ponto de vista de Epicuro, só a justiça e a liberdade não bastam para estabelecer uma sociedade feliz, é necessária a amizade como forma de complemento. Além disso, para Epicuro, a solidão e a vida sem amigos são cheias de armadilhas e de temores, por isso, a razão induz a procurar amigos, que adquiridos, formam o ânimo e ampliam as esperanças de prazeres futuros. Assim, ter amigos se torna uma necessidade (SPINELLI, 2013). O professor José Américo Motta Pessanha, assim trata do assunto e que pode ser bem referido ao campo pedagógico:

O Jardim [de Epicuro] pode ser visto como a primeira *sociedade de amigos*, comunidade lúcida ocupada numa tarefa comum: buscar a imperturbabilidade de espírito. Se em Aristóteles a *philia* [a amizade] permanece ligada à aristocracia e aos homens que têm condição para se dedicarem ao ócio e à vida especulativa, no Jardim de Epicuro o direito à felicidade é aberto a todos, mesmo aos excluídos dos direitos de cidadania pela democracia ateniense: mulheres, estrangeiros, escravos [...] A *philia* é também instrumento indispensável ao artesanato ético interior, pois a presença do amigo auxilia a procura e a manutenção da sabedoria, que ele igualmente persegue.” (MOTTA PESSANHA, 1997, p. 79).

Diante do que foi exposto, podemos destacar que a amizade é capaz de construir uma sociedade na qual as relações são livres e não institucionalizadas. No ambiente educacional, a amizade teria a função de promover um conhecimento mais livre e abrangente não só conteúdos teóricos, mas também, as virtudes, uma vez que aprendemos mais quando estamos entre os amigos. Ortega (1999) assinala que a amizade consegue romper a tensão entre o indivíduo e a sociedade, pois ela cria um ambiente no qual permite uma subjetivação coletiva que considera as necessidades tanto do indivíduo quanto do coletivo.

Na perspectiva de vivenciar os conceitos e as ideias acima apresentados, desenvolvemos um projeto em uma escola pública estadual, em uma cidade do interior paulista. É o que veremos na sequência.

ACÇÃO E PESQUISA NA SALA DE AULA: RELATO E REFLEXÕES DE UMA VIVÊNCIA

Os encontros que fizemos com alunos do 9º ano do ensino fundamental II em uma escola pública visou colocar em prática as reflexões teóricas apresentadas, de maneira a averiguarmos acerca da importância da discussão da influência da amizade no processo de aprendizagem, bem como no papel da razão e das paixões. A proposta era observar em que medida essas categorias poderiam auxiliar, entre muitas coisas, na compreensão e no enfrentamento de situações que geravam a violência, o *bullying* e o desrespeito com o outro na sala de aula. De início, foi possível verificar as dificuldades que os alunos possuíam para reconhecer as suas qualidades e de respeitar a si e ao outro, pois ocorriam diversos tipos de atitudes de *bullying*, por exemplo, sendo necessário pausar as dinâmicas que foram aplicadas, para conscientizá-los. Eles conversavam (ou melhor, se agrediam) através da troca de xingamentos e quando questionados, diziam que era “brincadeira de amigos”. Apesar de a escola ter diversos projetos atrelados a sua grade curricular, o que se apresentava era que os alunos tinham dificuldades de romper com a visão de um ambiente escolar normatizador, prescritivo e hostil aos seus interesses, e não como lugar de formação humana e humanizadora.

Tivemos quatro encontro com os alunos. No primeiro, apresentamos alguns vídeos sobre o *bullying* para os estudantes assistirem, e os funcionários da escola nos auxiliaram com os equipamentos disponíveis na sala de exibição. Inicialmente, conversamos com os alunos sobre como eles gostariam de se sentir e como se sentem na escola. Muitos responderam que gostariam de se sentir bem e que isso muitas vezes não acontecia, por conta de brincadeiras depreciativas. Perguntamos o que sabiam sobre o *bullying* e se já haviam tido contato com esse assunto na escola. Todos responderam que conheciam e que alguns professores já haviam trabalhado o tema com eles.

Passamos os vídeos e discutimos. O primeiro vídeo explicava os tipos de *bullying*. (SENADO FEDERAL, 2017). Durante o filme alguns alunos deram risadas de algumas cenas. Após a exibição do filme, perguntamos o que acharam do vídeo e se eles lembravam quais eram os tipos de *bullying* que haviam sido retratados ali. Eles responderam os 8 tipos, mas muitos ficaram dispersos, nos levando a chamar a atenção deles e direcionar as perguntas para o grupo que ficava fazendo piadas. Perguntamos se eles já haviam sofrido algum desses tipos de *bullying* ou se já tiveram contato por algum amigo, responderam que o que mais ocorre na escola era o *bullying* físico e o verbal,

sendo o verbal mais comum. Todos na sala possuíam algum apelido degradante, no qual justificavam como sendo brincadeira.

Exibimos os outros vídeos e discutimos cada um. Eles se emocionaram bastante com um vídeo que retratava o racismo, muitos se identificaram e disseram já terem sofrido discriminação pela sua cor, mas foi difícil trabalhar com eles a ideia de que *bullying* não era brincadeira e que os “apelidos” que ressaltavam um defeito não os traziam sentimentos bons. Eles repetiam várias vezes que os apelidos eram apenas brincadeira, diferente do *bullying*.

Em determinado momento ficamos sabendo de um caso de um aluno de uma das salas da escola. Esse estudante havia sofrido muito *bullying* na escola que estudava anteriormente e, infelizmente continuava sofrendo na atual instituição escolar. Ele se emocionou e quis ressaltar que não era legal o que faziam com ele. Muitos dos alunos que colocavam apelidos nele tentaram se justificar e disseram que não faziam mais isso.

Pudemos observar quem eram os alunos agressores e as vítimas, sendo que na maioria das situações eles eram tanto agressores como vítimas, pois faziam piadas e recebiam. Justificavam que era brincadeira, pois eram todos amigos. Tentamos conscientizá-los sobre a amizade, o respeito e como era importante se colocar no lugar do outro. No final, solicitamos que escrevessem ou desenhassem o que haviam entendido a respeito das discussões.

Na segunda reunião que tivemos com os mesmos alunos, resolvemos continuar a tratar sobre o *bullying* e finalizar as discussões sobre esse tema. Trabalhamos com os personagens da Disney que sofreram *bullying*, depois com um vídeo de *cyberbullying* e outro que abordava como as crianças lidavam com as diferenças, com o intuito de mostrar que com o respeito às diferenças o *bullying* não aconteceria.

Nesse dia tivemos muita dificuldade, pois os alunos estavam bem dispersos e desanimados. Muitos dormiram e não participaram. Outros queriam apenas conversar com seus amigos e não a respeito do tema. Nossa maior dificuldade foi em mantê-los prestando atenção e fazer com que participassem das discussões.

Apresentamos os personagens da Disney e contamos brevemente suas histórias. Trabalhamos com a *Lilo e o Stitch*, *Dumbo*, *Corcunda de Notre Dame*, *Os Incríveis*, entre outros. Eles conheciam os personagens mais recentes, mas ainda assim deu para discutir a respeito das histórias e como o *bullying* aparecia nelas. Focamos nos sentimentos que os personagens tinham quando sofriam e que o *bullying* não deveria ser tido como algo a

ser superado pela vítima, e sim que as diferenças deveriam ser aceitas e que a amizade fortalecia as pessoas, pois acolheria todos como são.

Exibimos um vídeo sobre *cyberbullying* que retratava como este ocorria e como deveria ser evitado (AWEBIC, 2017). Depois, foi promovido um debate no sentido de saber como as crianças enxergavam as diferenças, o que entendiam acerca do assunto e quais a melhor postura diante de alguém que é diferente de você. No final solicitamos que escrevessem ou desenhassem algum tipo de *bullying* que já sofreram ou viram algum amigo sofrer.

No terceiro encontro trouxemos questões para os alunos no intuito de que refletissem a respeito da amizade na escola. Também encerramos o tema *bullying* para podermos trabalhar com a sexualidade — outro tema que foi sugerido por eles anteriormente —, assim, exibimos vídeos para estimular a conversa.

Levamos os alunos para a sala de vídeo e perguntamos sobre o que havíamos trabalhado anteriormente com eles, no intuito de encerrar com o tema *bullying*. Eles demonstraram dificuldades em lembrar-se do que havia sido tratado. Logo em seguida, entregamos folhas de sulfite e colocamos as questões na lousa que tratavam do tema da amizade em sala. Demos alguns minutos para que respondessem e recolhemos as folhas.

Começamos a exibir vídeos disparadores, que tratavam do tema sexualidade, de modo a discutir e promover reflexões sobre as paixões e os desejos humanos. Durante a exibição dos vídeos eles riram, poucos queriam perguntar ou comentar a respeito. Os vídeos que eles reagiram mais foram os que tratavam da orientação sexual. Exibimos o curta-metragem intitulado *Não quero voltar sozinho* (2010), que conta a história de um menino cego que se apaixona pelo seu amigo. Eles comentaram bastante, fizeram algumas piadas, mas nenhuma que ofendesse ninguém e nem desrespeitasse suas escolhas. Ao final, solicitamos que elaborassem um texto ou um desenho que representassem o que havíamos trabalhado.

Notamos que apesar da curiosidade em tratar deste tema, eles ficaram receosos de comentar, não sabiam a diferença entre sexo e sexualidade. Sentimos a falta de uma introdução teórica ou de conhecimento mínimo antes dos vídeos para que pudéssemos trabalhar melhor este tema. De todo modo, foi possível constatar a necessidade de uma formação, ou melhor, a inclusão do tema das paixões e dos desejos no contexto da escola. Como vimos, além de seres pensantes e racionais, somos também seres passionais e desejanter, o que pode na sala de aula fazer a diferença, para melhor, no processo de

ensino e de aprendizagem e, assim, superar uma visão superficial e estereotipada que, muitas vezes, alguns situações vividas pelos alunos são tratadas. Ficou claro que um assunto aparentemente comum, ainda é abordado com reservas ou tomado como tabu no ambiente escolar.

Por fim, no quarto encontro, novamente levamos os alunos para a sala de vídeo para podermos exibir o filme *As vantagens de ser invisível* (2012) e encerrar as atividades. Exibimos o filme e alguns disseram que já haviam assistido, mas gostavam do filme e não se importavam de assistir novamente. O filme conta a história de um jovem que tem problemas em se socializar na escola, ele faz novos amigos, se apaixona e vai lidando com as situações que vão surgindo em sua vida, seja em ambientes como a escola, nos relacionamentos afetivos ou problemas como a depressão e ansiedade. Foi possível perceber que algo muitas vezes acessível em suas vidas, que é o cinema, poderia ser uma linguagem metodológica que as escolas e os professores poderiam também privilegiar na sala de aula. No caso deste filme, acreditamos ter sido interessante trabalhar com eles, uma vez que aborda diversos aspectos que ocorrem na adolescência.

Ao realizarmos uma reflexão final sobre as reuniões e discussões que tivemos com os estudantes, notamos uma grande dificuldade nos alunos em internalizar as regras que dizem respeito ao outro, e principalmente em compreender que o *bullying* não é brincadeira. Inicialmente eles não conseguiram diferenciar o que era brincadeira, mesmo que a escola já tivesse trabalhado este tema com eles. Com o passar do tempo, durante as dinâmicas que propusemos, percebemos uma melhora nas relações entre os alunos. Havia alunos na escola, em geral, que tinham sofrido muito com o *bullying* em outras escolas e mudaram para aquela instituição de ensino com a esperança de ser um ambiente mais amigável, por conta do projeto de vida oferecido pela escola que é de tempo integral.

De modo geral, os alunos gostavam da escola, eles reclamavam do período integral, que muitas vezes era cansativo, mas recebiam mudar de escola, queriam continuar lá até o ensino médio. Os professores que tivemos contato respeitavam os alunos e os auxiliavam em suas dificuldades, todos eles eram tutores de alunos em seus projetos de vida, então se percebia uma relação mais amigável entre eles, o que é incomum em escolas estaduais. A escola tem uma preocupação com os alunos de formarem eles integralmente, não apenas ensinando a matéria, mas buscando ensiná-los valores, respeito ao outro e prepará-los para a vida e o mercado de trabalho.

No entanto, apesar da análise que fora feita através dos textos estudados, das observações das salas de aula, da ida e das dinâmicas realizadas com os alunos, ainda se faz necessário que tenha novos projetos que trabalhem com a tema da paixão e amizade na sala de aula, no sentido de trazer o aluno para perto do professor e fazer com que cada um respeite o outro por meio do diálogo. É necessário que mais pesquisadores ou educadores continuem a se aproximar na escola para coleta de dados e façam mais intervenções para obtermos melhores resultados concretos na escola. Assim, é de suma importância que projetos dessa natureza possam ser vivenciados na escola, para que possamos realizar um trabalho efetivo, uma vez que o intuito deste é repensar a dinâmica da formação de alunos e alunas na perspectiva de promover boas e saudáveis relações humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Masschelein & Simons (2015), a partir da segunda metade do século XX, a instituição escolar foi colocada em questão. Radicais como Ivan Illich (1973) defendia o rápido desaparecimento da escola, pois para ele havia uma falsa ideia de que alguém necessitasse dessa instituição para aprender, pois, estariam mais voltadas à manipulação e não à convivialidade. Assim, Illich, segundo eles, acreditava que aprendemos mais e melhor fora da escola. Embora provocadora a proposta de Illich, podemos ir um pouco mais além, e pensar a escola como espaço social e público para uma experiência formativa emancipadora e transformadora.

Na perspectiva de Masschelein & Simons (2015), também acreditamos que numa sociedade em que as tecnologias estão cada vez mais em voga, talvez, se esteja permitindo que a escola tenha uma morte mais calma. Todavia, por ser uma invenção histórica, podendo, portanto, desaparecer, talvez caiba a nós reinventá-la, e é precisamente isso o que vemos como nosso desafio e, como esperamos deixar claro, a nossa responsabilidade atualmente.

Nós nos recuamos, firmemente, a endossar a condenação da escola. Ao contrário, defendemos a sua absolvição [...] também esperamos deixar claro que muitas alegações contra a escola são motivadas por um antigo medo e até mesmo ódio contra uma de suas características radicais, porém essencial: a de que a escola oferece “tempo livre” e transforma o conhecimento e as habilidades em “bens comuns”, e, portanto, tem o *potencial* para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente

conhecido, para se superar e renovar (e, portanto, mudar de forma imprevisível) o mundo. (MASSCHELEIN & SIMONS, 2015, p. 10).

Nesse sentido, acreditamos que as discussões a respeito do tema das paixões e da amizade no ambiente escolar é importante para se repensar a prática de ensino no sistema educacional brasileiro e contribuir para este reinventar da escola atual, para o qual chamamos atenção. Ao invés de paixões como o medo e o ódio da/na escola, talvez o que precisamos incluir no seu ambiente são outras paixões que podem nos conduzir e a praticar uma educação libertadora: a amizade, a alegria, a amorosidade, etc. Enfim, as bonitezas do ato de ensinar e aprender, como dizia Paulo Freire (1992).

Diante das reflexões e relatos vivenciados, consideramos que por meio de um reconhecimento das paixões que nos constitui e nos move seria possível motivar o aluno e o professor a se tornarem os agentes de seu próprio processo de ensino e de aprendizado. Para tanto, a amizade e o bom relacionamento entre alunos e professores levariam os alunos a aprenderem valores incríveis, que se estenderiam por toda a vida, resultando em ética, respeito e contribuindo para suas formações enquanto cidadãos. Entretanto, cabe ao educador a função de despertar no aluno esse amor ao conhecimento, e nós, enquanto pesquisadores e educadores, poderíamos nos dedicar a um trabalho em conjunto para nortear a prática pedagógica e repensá-la para que o professor possa exercer essa função da melhor maneira possível e garantir com esperança um inovador caráter convivial e transformador à formação que se realiza na escola, principalmente no interior de uma sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).
- AS VANTAGENS de ser invisível. Direção Stephen Chbosky. Estados Unidos. 2012; 1h43min.
- AWEBIC. **Cyberbullying**: violência virtual machuca. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mWQoikd72A4>
- CARVALHO, A. B. O papel das paixões na formação da moralidade. *In*: PAGNI, P. A.; BUENO, S. F.; GELAMO, R. P. **Biopolítica, arte de viver e educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012a.
- CARVALHO, A. B. Razão e paixão: necessidade e contingência na construção da vida ética. **Conjectura: Filosofia e Educação** (UCS), v. 17, p. 199-217, 2012b.

CUNHA, Marcus Vinicius. O conhecimento e a formação humana no pensamento de Aristóteles. In: **Introdução à Filosofia da Educação**: Temas contemporâneos e História. Pedro Pagni e Divino José da Silva (Org.). São Paulo: Avercamp, 2007. p. 60-84.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HELVÉTIUS. **De l'esprit**. Paris: Fayard, 1988.

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

LEBRUN, Gérard. O conceito de paixão. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: M. Fontes, 2000.

MOTTA PESSANHA, J. A. As delícias do jardim. In: NOVAES, A. (org.). **Ética**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997. 5ª reimpressão.

NÃO quero voltar sozinho. Direção de Daniel Ribeiro. Brasil. 2010. 17min.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1999.

PAGOTTO-EUZEPIO, Marcos Sidnei. A Filosofia, a Cidade e a Paideia: os Antigos Contemporâneos. **Páginas de Filosofia** (São Bernardo do Campo), v. 2, p. 195-214, 2010.

SENADO FEDERAL. **Conheça os tipos de bullying que devem ser evitados na escola**. 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RAfbbbALALY>.

SILVA, S. A.; SANTOS, M. E. M. **Aristóteles e a Educação**: como motivar o aluno a aprender por si mesmo? 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SPINELLI, Miguel. Epicuro e o tema da amizade (II): A *philia* referida ao *êthos* legislador da *pólis* e ao *agápê* da virtude cirstã. **Revista Hypnos**, São Paulo, n° 30, 1° semestre de 2013, p. 98-126.

ZINGANO, M. **Estudos de ética antiga**. São Paulo: Paulus/Discurso Editorial, 2009.